

TRADIÇÃO CULTURAL COMO DIFERENCIADOR DA DIETA À BASE ANIMAL DE DUAS ETNIAS INDÍGENAS

Fábio de Oliveira Freitas¹;
José Roberto Moreira²;
Joana Zelma Figueredo Freitas³

Introdução

A diversidade cultural-alimentar entre as distintas etnias indígenas é assunto conhecido (HARLAN, 1971). Aparentemente esta diferença não é devida somente ao meio ambiente onde estas populações vivem, mas principalmente à bagagem histórico-cultural de cada etnia (ZARUR, 1986).

Etnias indígenas vivendo em ambiente parecidos podem possuir dietas completamente diferentes, não somente em relação ao preparo dos alimentos, mas também em relação à matéria-prima que usam.

Ou seja, muitas vezes a limitação da diversidade da dieta de uma etnia está mais ligada a sua própria cultura, gosto e tabus, do que à disponibilidade alimentar da região onde vivem (GILMORE, 1986; ZARUR, 1986).

Neste artigo iremos abordar de forma sucinta e comparativa, a dieta básica animal de duas etnias do Parque Indígena do Xingu, na região nordeste do estado do Mato Grosso. As etnias em questão são a Yawalapiti e a Kayabi, esta última da aldeia Ilha Grande.

Em termos de vegetação, o Parque se encontra em uma zona de transição entre os biomas Cerrado/Cerradão na parte sul do

^{1,2} fabiof@cenargen.embrapa.br; jmoreira@cenargen.embrapa.br . -Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia - PqEB – Parque Estação Biológica W5 Norte Final. Brasília – DF, Caixa Postal 02372, Brasil

³ - Fundação Nacional da Saúde - FUNASA

Parque, com transição para o bioma Amazônico à medida que se desloca em direção ao norte (NOVAES, 1985; ZARUR, 1986).

De modo geral é uma região muito rica em alimento, começando pela grande disponibilidade de peixes existentes nos diversos rios e lagoas da região. Ainda, há muitas espécies frutíferas na vegetação local, sendo que se faz notar que algumas espécies tiveram sua abundância enriquecida devido ao manejo realizado há séculos. A abundância do pequi é um dos principais exemplos desse manejo secular, com reflexo não apenas na dieta, como na própria tradição cultural de muitas das populações humanas ali existentes, com muitos mitos e histórias envolvendo suas plantas (VILLAS BOAS e VILLAS BOAS, 1994; 1997).

Aliado ao alimento disponibilizado pela vegetação nativa, as espécies cultivadas complementam a dieta a base de vegetais. Neste ponto as diferenças na dieta entre as etnias já se evidenciam, pois este componente está intimamente ligado à história e tradição milenar vivida por cada povo. Cada cultura obteve, selecionou e manteve diferentes

espécies e variedades, transportando-as ao longo de suas migrações, mantendo algumas, obtendo outras e descartando aquelas que não lhe interessavam mais, de acordo com a dinâmica cultural e ambiental ao longo de sua história, como já relatado por diversos estudos (HARLAN, 1971; HARLAN e DE WET, 1973; FREITAS 2001; FREITAS et al., 2003). Este tema será abordado em um outro artigo específico.

Entretanto, o que chama mais a atenção em termos de dieta entre estas duas etnias do Parque é em relação ao componente animal. Enquanto na etnia Yawalapiti é muito rara a utilização de caça em sua dieta, para os Kayabi este componente é muito presente. Note que em ambas as regiões a caça é relativamente abundante, ou seja, aparentemente o limitador não é a sua disponibilidade.

Objetivo

Abordar o tema alimentar destas duas aldeias, com o enfoque maior na comparação da dieta à base de caça em cada uma delas.

Material e Método

Localização de cada uma das aldeias e pequeno histórico de ocupação

Ambas as aldeias estão dentro do Parque Indígena do Xingu, na parte nordeste do estado do Mato Grosso. A aldeia Yawalapiti se localiza na foz do rio Tuatuari, coordenadas S 12° 09' 987" e W 53° 20' 103", que deságua no rio Coluene, este um dos formadores do rio Xingu. A aldeia Kayabi – Ilha Grande se situa na margem direita do rio Xingu, coordenadas S 11° 23' 57,4" e W 53° 27' 30,8".

Os Yawalapiti são moradores antigos da região, com vestígios culturais de sua presença remontando há vários séculos (NOVAES, 1985). Por outro lado, os Kayabi começaram a habitar a região do Xingu só mais recentemente, há mais ou menos 30 anos, logo após a criação oficial do Parque, vindo da região mais a noroeste daquele Estado, devido a conflitos de terras (MELATTI, 1987).

A metodologia empregada foi a da observação participativa, complementada por um questionário semi-estruturado, onde o

entrevistado relata as espécies animais mais comuns que utiliza para se alimentar e quais não. O levantamento foi feito focando a família, ou seja, procurou obter estas informações de cada chefe de família da aldeia, já que é este o estilo da organização tradicional daquelas aldeias.

Resultados e Discussão

Começaremos informando quais são as espécies animais utilizadas por cada uma das etnias.

YAWALAPITI

Para ambas as etnias, o peixe é objeto comum em suas dietas. Pode-se inclusive afirmar que no caso dos Yawalapiti, o peixe, junto com a mandioca, é a base alimentar desta etnia.

Entretanto, já neste componente vemos algumas diferenças. Mesmo sendo o peixe um dos componentes principais da dieta dos Yawalapiti, existe uma série de tabus e regras culturais que acaba limitando o consumo deste tipo de alimento.

Por exemplo, até recentemente, os Yawalapiti não se alimentavam de peixes grandes, somente peixes pequenos. O motivo disto devia-se ao fato dos peixes maiores possuírem

muito sangue, fator que não era apreciado, principalmente em uma sociedade onde o componente carnívoro na dieta é pequeno.

Isto era válido até meados da década de 1980, como pudemos observar diretamente. Entretanto, hoje a etnia já consome peixes grandes. Esta mudança de hábito alimentar pode ser explicada por dois fatores básicos: O primeiro é o aumento do contato com a sociedade envolvente. Até aquela década, era muito raro algum dos seus membros irem para a cidade. Hoje muitos vão com frequência e acabam consumindo alimentos diferentes de sua tradição, o que modificou alguns de seus hábitos alimentares.

Outro fator que deve ser levado em conta é que, segundo os Yawalapiti, a quantidade de peixes encontrada nos rios do Parque diminuiu neste período. Isto fez com que eles tivessem a necessidade de se alimentar de outras espécies de peixe para complementar sua dieta.

Outro fator cultural, de cunho “temporal”, que limita o consumo de determinados peixes é o nascimento de um filho. Segundo a cultura desta sociedade, logo após o nascimento de um filho e durante os primeiros

meses de vida da criança, os pais só podem comer peixes bem pequenos, e a quebra desta regra pode acarretar doenças e problemas para a família, segundo a tradição local.

Existem outras limitações “temporais” inerentes aos Yawalapiti, como por exemplo, durante os períodos de reclusão dos jovens, quando a dieta é muito restrita, com o intuito de proporcionar desenvolvimento mais adequado do recluso.

Já em termos de outros vertebrados além do peixe, segundo os Yawalapiti, as únicas espécies consumidas estão dentre os primatas (macaco-prego - *Cebus apella* e guariba - *Alouatta caraya*, genericamente chamados de “macaco”).

Note ainda que o macaco só é consumido por eles durante a época das chuvas. A exclusividade do consumo dessas espécies neste período se deve a dois motivos básicos. O primeiro é a questão temporal, ou seja, na época das chuvas, quando o rio sobe muito de nível, invadindo grandes extensões de terra, a densidade animal é reduzida (o peixe acaba sendo “diluído”), tornando muito difícil sua captura. Neste período, com a escassez do peixe, a alternativa cultural é a caça e consumo do

macaco. Outra razão alegada pelos Yawalapiti para o consumo do macaco neste período é que, segundo eles, é nesta época que este animal se banha. Assim, sua carne fica mais limpa e eles podem consumi-lo.

Esta etnia também consome algumas aves, como o mutum (das espécies *Crax fasciolata* e *Mitu tuberosa*). Recentemente foi introduzida a galinha, que é criada em alguns quintais, sendo uma alternativa atual para o período de escassez de alimentos. Os demais animais da região não são consumidos, muitos por tabus, como a da crença de que alguns animais são índios transformados em bichos (ZARUR, 1986).

KAYABI

No caso dos Kayabi, o peixe também é muito importante, mas como possuem uma dieta mais diversificada, possuem uma dependência menor em relação a esta fonte alimentar. Além de pescadores, com uma dieta atual de pescado próxima a da etnia anterior, também são caçadores tradicionais. Consomem uma gama muito maior de espécies animais, como pode ser

observado na tabela 1, dentre os quais:

A anta - *Tapirus terrestris* junto com o macaco (macaco-aranha - *Ateles marginatus*, macaco zogue-zogue - *Callicebus moloch*, e guariba - *Alouatta caraya*) são as espécies preferidas. Consomem ainda tatu-canastra - *Priodontes maximus*, porco-do-mato - *Tayassu pecari*, catitu - *Tayassu tajacu*, veado (veado-mateiro - *Mazama americana* e veado-campeiro - *Ozotoceros bezoarticus*), paca - *Agouti paca*, quati - *Nasua nasua*, mutum (das espécies *Crax fasciolata* e *Mitu tuberosa*), macuco - *Tinamus tao*, jaó - *Crypturellus undulatus*, jacu - *Pipile pipile*, entre outros.

Já entre os animais informados que não são consumidos por esta etnia, alguns são relacionados a seguir e se encontram listados na tabela 2:

Entre as espécies animais não consumidas estão alguns tatus (tatu-bola - *Tolypeutes matacus* e tatu-rabode-couro - *Cabassous unicinctus*, por possuírem cheiro forte), jacaré - *Caiman crocodilus*, ariranha - *Pteronura brasiliensis*, raposa - *Cerdocyon thous*, onça (onça-pintada - *Panthera onça* e suçuarana - *Puma concolor*), tamanduá (tamanduá-bandeira - *Myrmecophaga tridactyla* e tamanduá-de-colete - *Tamandua tetradactyla*) e capivara - *Hydrochoerus*

hydrochaeris. Note que, no caso da capivara, eles informaram que não era tradição o consumo deste animal. Porém, mais recentemente os jovens já estão se alimentando com a carne desta espécie. Este é um exemplo de variação na cultura alimentar desta etnia ou mais especificamente, a atuação da dinâmica cultural modificando a dieta tradicional.

Considerações Finais

Como pode ser observado pela comparação das listas de animais consumidos pelas duas etnias, existe uma grande diferença na gama de espécies animais utilizadas para alimentação. Esta variação na dieta entre as duas etnias não ocorre por razões de disponibilidade alimentar/caça, visto que em ambas as regiões existe plena disponibilidade de espécies animais.

Tanto existe a disponibilidade de caça na região habitada pelos Yawalapiti, que por diversas vezes esta etnia autorizou a entrada de índios Xavante em sua área para a realização de expedições de caça. Os Xavante possuem uma tradição notadamente caçadora (LOPES DA SILVA, 1992; FIGUEREDO, 2003).

Devido ao empobrecimento da caça em sua terra atual, decorrente de problemas fundiários, os Xavante pediram autorização aos índios do Parque Indígena do Xingu para promoverem excursões para a parte sul do Parque a fim de fazerem caçadas, sempre bem sucedidas.

Entretanto, atualmente os índios Xavante não têm mais autorização para isto, devido a sua tradição na forma de caçar conhecida como círculo de fogo. De forma simplificada, esta técnica de caça se faz colocando fogo primeiramente em uma área central, onde, após o fogo ter se apagado, ficam os caçadores. Então se coloca fogo em uma região perimetral extensa, fazendo com que os animais acucados pelo fogo fujam em direção a região central, onde estão os caçadores, que os abatem. A consequência disto é que grandes extensões de terra são queimadas, além de ocorrer grande mortalidade de bichos. Por estes motivos, os índios xinguanos proibiram novas incursões dos Xavante em suas terras.

Deste modo, o fato da dieta dos índios Yawalapiti ser mais restrita, em termos de espécies de vertebrados (caça e peixe), principalmente de caça, do que a dos Kayabi, se deve mais a motivos de tradição cultural do que ao

ambiente. Os Yawalapiti possuem muitos tabus e crenças que acabam limitando o consumo de muitas espécies. Portanto, não existe uma limitação imposta pelo meio para explicar o baixo consumo de espécies animais pelos Yawalapiti.

Finalmente, este levantamento serve para mostrar quanto cuidado deve-se ter quando se pretende fazer um trabalho de ajuda à alimentação de etnias indígenas. A premissa para qualquer trabalho de etnobiologia é saber qual é o costume alimentar tradicional de cada etnia e não apenas focar no que há disponível no ambiente, pois podemos incorrer no risco de estar impactando negativamente mais do que beneficiando a etnia.

Agradecimentos

Agradecemos aos índios Yawalapiti e Kayabi – Ilha Grande, pela grande ajuda e hospitalidade.

Apoio: Programa
Biodiversidade Brasil-Itália

Referencias bibliográficas

FIGUEREDO, J. Z. **Influência do hábito alimentar na incidência de diabetes em área indígena Xavante. Estudo de caso – Reserva Indígena São Marcos.** 2003. 29 p. Monografia (Graduação) – Faculdade JK, Brasília.

FREITAS, F. O. **Estudo genético evolutivo de amostras modernas e arqueológicas de milho (*Zea mays mays*, L.) e feijão (*Phaseolus vulgaris*, L.).** 2001. 125 p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, USP, Piracicaba.

FREITAS, F. O.; ALLABY, R. G.; BROWN, T. A.; BANDEL, G. Evidence for two expansions of maize (*Zea mays*) into South America based on genetic evidence from primitive landraces and ancient DNA. **Journal of Archaeological Science**, New York, v. 30, p. 901-908, 2003.

GILMORE, R. M. Fauna e etnozologia da América do Sul tropical. In: RIBEIRO, D. (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira.** Petrópolis: FINEP, 1986. v. 1, p. 189-234.

HARLAN, J. R. Agricultural origins: centers and noncenters. **Science**, Washington, v. 174, p. 468-173, 1971.

HARLAN, J. R.; DE WET, J. M. J. On the quality of evidence for origin and dispersal of cultivated plants. **Current Anthropology**, Chicago, v. 14, p. 51-55, 1973.

LOPES DA SILVA, A. Dois séculos e meio de história Xavante. In: CUNHA, M. C. (Org.) **A História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP, 1992. p. 357-378.

MELLATTI, J. C. **Índios do Brasil.** 5. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1987. p. 220.

NOVAES, W. **Xingu**: uma flecha no coração. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 180.

VILLAS BOAS, O.; VILLAS BOAS, C. **A marcha para o oeste**: a epopéia da expedição Roncador - Xingu. 4 ed. Porto Alegre: Globo, 1994. 615 p.

VILLAS BOAS, O.; VILLAS BOAS, C. **Almanaque do sertão**: histórias de visitantes, sertanejos e índios. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1997.

ZARUR, G. C. L. Ecologia e cultura: algumas comparações. In: RIBEIRO, D. (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis: FINEP, 1986. p.273-280.

Tabela 1. Animais comuns na região, usados na alimentação dos Kayabi

Nome comum	Nome científico
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>
Tatu-canastra	<i>Priodontes maximus</i>
Tatu	<i>Dasypus septemcinctus</i>
Tatu	<i>Dasypus novemcinctus</i>
Porco-do-mato	<i>Tayassu pecari</i>
Catitu	<i>Tayassu tajacu</i>
Veado-mateiro	<i>Mazama americana</i>
Veado-campeiro	<i>Ozotoceros bezoarticus</i>
Paca	<i>Agouti paca</i>
Quati	<i>Nasua nasua</i>
Macaco-aranha, macaco-João	<i>Ateles marginatus</i>
Macaco-zoge-zoge	<i>Callicebus moloch</i>
Macaco-guariba	<i>Alouatta caraya</i>
Mutum-carijó	<i>Crax fasciolata</i>
Mutum-castanho	<i>Mitu tuberosa</i>
Macuco	<i>Tinamus tao</i>
Jaó	<i>Crypturellus undulatus</i>
Jacu	<i>Pipile pipile</i>

Tabela 2. Animais comuns na região, não usados na alimentação dos Kayabi

Nome comum	Nome científico
Tatu-bola	<i>Tolypeutes matacus</i>
Tatu-peba	<i>Euphractus sexcinctus</i>
Tatu-rabo-de-couro	<i>Cabassous unicinctus</i>
Jacaré	<i>Caiman crocodilus</i>
Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>
Raposa	<i>Cerdocyon thous</i>
Onça-pintada	<i>Panthera onca</i>
Suçarana	<i>Puma concolor</i>
Tamanduá-bandeira	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Tamanduá-mirim ou tamanduá-de-colete	<i>Tamandua tetradactyla</i>
Capivara*	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>

* No caso da capivara, eles informaram que não era tradição o consumo deste animal, embora recentemente os jovens estejam se alimentando com esta carne

<p>Comunicado Técnico, 126</p> <p>Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento</p>	<p>Exemplares desta edição podem ser adquiridos na Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia Serviço de Atendimento ao Cidadão Parque Estação Biológica, Av. W/5 Norte (Final) – Brasília, DF CEP 70770-900 – Caixa Postal 02372 PABX: (61) 448-4600 Fax: (61) 340-3624</p> <p>http://www.cenargen.embrapa.br e.mail:sac@cenargen.embrapa.br</p> <p>1ª edição 1ª impressão (2005):</p>	<p>Comitê de Publicações</p> <p>Expediente</p>	<p>Presidente: <i>Maria Isabel de Oliveira Penteado</i></p> <p>Secretário-Executivo: <i>Maria da Graça Simões Pires Negrão</i></p> <p>Membros: Arthur da Silva Mariante</p> <p>Maria Alice Bianchi Maria da Graça S. P. Negrão Maria de Fátima Batista Maria Isabel de O. Penteado Maurício Machain</p> <p>Franco</p> <p>Regina Maria Dechechi Carneiro Sueli Correa Marques de Mello Vera Tavares de Campos Carneiro</p> <p>Supervisor editorial: <i>Maria da Graça S. P. Negrão</i></p> <p>Normalização Bibliográfica: <i>Maria Alice Bianchi e Maria Iara Pereira Machado</i></p> <p>Editoreção eletrônica: <i>Maria da Graça Simões Pires Negrão</i></p>
--	--	--	---